

Mutação, uma possibilidade do devir instaurado na matéria. Reflexões mestrado 2000-2002

Eriel de Araújo Santos

Artista visual

Esperamos o acontecimento; de vez em quando ou quase sempre, ele nos surpreende. O tempo passa arrastando consigo os acontecimentos instalados na matéria e registrados na memória, esta responsável por contrair o passado, presente e futuro num único ponto de referência.

A matéria não é só matéria, é também outra coisa, algo que escapa à codificação semântica. Algumas alterações ocorridas nos diferentes materiais constituintes do universo são difíceis ou mesmo impossíveis de serem percebidas; porém o ser humano foi capaz de conviver, manipular e investigar as ocorrências de tudo o que existe ao seu redor. O tempo sempre presente, acompanha tudo, como um outro em nós capaz de vivenciar além do possível.

Não são de estranhar as múltiplas direções intelectuais assistidas ao longo do tempo e em espaços distintos, já que muitos homens relacionam-se com a matéria em diferentes níveis, passando pelo mágico, religioso, científico e artístico. Hoje, investigo o tempo na matéria numa possibilidade de construção plástica signica, capaz de construir um caminho em direção ao infinito, donde tudo espero.

O homem, muitas vezes, guarda suas experiências na matéria, matéria do seu corpo ou dos outros corpos, manipula os materiais em busca de respostas às suas inquietudes ante os processos de mutação que ocorrem no campo material e imaterial, algumas vezes traduzidas por símbolos e representações. Procuo uma expressividade do indizível, um trabalho de investigação poética instaurado na matéria; assim, o que há de imaterial torna-se visível nos diálogos construídos a partir da manipulação de diversos materiais.

O tempo é um elemento constante na construção signica do autor e fruidor, quando estes encontram-se com uma determinada matéria e, juntamente com a memória, constróem uma cadeia de relações capazes de transformar o pulsar humano num "gozo estético".

Ó matéria, onde estás? Há pouco estavas aqui, não te vejo; apenas sinto a lembrança de tua existência. Migrastes para um outro código que não compreendo; procuro-te nos meus sentidos, encontro rastros; porém fico paralisado quando sinto teu calor, teu frio, tua maciez, aspereza, forma, deformada por mim, enfim aspirada por mim, que odor, que sabor; o brilho dos teus olhos ofusca a transparência do teu colo, o teu peso torna-se leve quando sustentado pelo meu.

A mutação é uma inquietação constante nas investigações plásticas sobre as quais me debruço. As diferentes maneiras de manipulação dos materiais existentes no planeta permitiram e permitem ao homem um diálogo com este lugar. Assim, muitas ações concorrem para o estudo e a

análise deste homem, registradas e perpetuadas nas construções simbólicas existentes em algumas das suas intervenções sobre a natureza.

As mutações estudadas nos campos científico e artístico são reflexos de um contínuo questionamento da existência material, pela qual perpassam inquietações no campo imaterial, muitas vezes, relacionadas às magias ou aos mistérios. No campo sagrado-religioso, o mistério é constantemente revivido e rememorado através de suas práticas; enquanto a arte promove uma irreligiosidade do sagrado. A todo instante, registramos marcas nos objetos, desenhamos caminhos por onde passamos, modelamos o espaço com a presença do nosso corpo e de outros que nos acompanham. Assim, somos fotografados por corpos que refletem a nossa imagem por um instante, absorvidos por outros que permitem a nossa presença e impedidos por aqueles que bloqueiam a nossa passagem. Somos teimosos e lutamos com nossas limitações; algumas vezes ganhamos, outras não; regras são construídas e reconstruídas a fim de dar mobilidade às coisas em suas diversas direções. Não se sabe o rumo dessas coisas, nem quando surgem novas opções; é preciso decidir, arriscar.